



10º Congresso de Pós-Graduação

A ESCOLA COMO ESPAÇO DO DIÁLOGO: DIVERSIDADES, CONFLITOS, RESILIÊNCIA

Autor(es)

RAFAEL TRENTIN SCREMIN

Co-Autor(es)

CLAUDINEI ZAGUI PARESCHI

Orientador(es)

LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

1. Introdução

O artigo objetiva discutir a respeito da mediação dos conflitos existentes no ambiente escolar, na relação entre professor e aluno, na diversidade cultural e na relação existente entre os estudantes; discutir também a exigência da sociedade de consumo, tendo como referencial teórico pensadores como T. W. Adorno e Z. Bauman. Perante os desafios do ambiente escolar, é comum os educadores adotarem uma posição equivocada ao considerarem a punição a melhor escolha para evitar ou amenizar a violência e a falta de interesse dos alunos pela escola e pelos conteúdos escolares. Entretanto, se fazem necessários conhecer os motivos que levam os alunos a manter uma relação de disputa entre eles e de desobediência aos professores e as normas escolares. Educá-los significa também considerar o processo de socialização, de compreensão da diversidade e da mediação de conflitos. Coloca-se em pauta ainda, a dificuldade na atualidade de se fazer docência, de trabalhar os conflitos, fugir de soluções e cultura imediatistas, do consumismo exagerado, não cabendo na educação adotar essa vertente comercial; o diálogo no espaço escolar cada vez mais escasso revitaliza-se quando as discussões geram novas possibilidades de mudança, por exemplo, na relação professor aluno, na soma positiva dos elementos fundamentais para o viver a escola como um ambiente de construção e também de desconstrução de saberes, conhecimentos, ideias, pensamentos, fundamentais ao crescimento pessoal e profissional dos envolvidos.

2. Objetivos

Refletir a respeito dos conceitos de conflito e de resiliência; se o estudo dos mesmos contribui para a superação de diferenças e socialização democrática no ambiente escolar, bem como, se contribui para despertar sensibilidade racional (MARCUSE, 1997) ao processo educacional, a fim de compreender o porquê das alterações que ocorrem rapidamente na atualidade, tão rápidas que acabam fazendo parte do universo escolar, principalmente as relacionadas com a mídia e as tecnologias.

3. Desenvolvimento

O trabalho foi efetuado por pesquisa bibliográfica e teve como principais textos: Educação após Auschwitz, Amok On Line e Ressentimento Entre Professores e Alunos, Teoria Crítica e Inconformismo: Novas Perspectivas de Pesquisa, Vida para consumo, Modernidade Líquida. Esses textos norteiam a pesquisa com o intuito de discutir os principais temas abordados pela Teoria Crítica e

Bauman, bem como a evolução da reflexão dos termos e conceitos nos dias atuais, e principalmente tornar concreto os ideais em ação. Para Adorno (1995, p. 119), a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. Para os professores essa máxima se torna mais gritante, pois são eles responsáveis pelas reflexões e por tornar os alunos mais críticos e pensantes, seres autônomos e esclarecidos, prontos para saírem da sua minoridade, como queria Kant. Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem (KANT, 2005, p. 65). A ética como disciplina está presente no currículo nas disciplinas no Ensino Médio como o estudo dos valores e das normas de civilidade. Sendo reverenciada desde a Paideia grega com seus heróis mitológicos até a nossa educação atual, nunca foi tão necessária para mediar as relações de conflitos como em nossos dias. Nisto e noutras coisas se dá a importância do professor de para incitar nos alunos o pensamento reflexivo sobre os valores e as regras da sociedade a fim de que se tornem cidadãos comprometidos, sensíveis e resistentes aos males que possam promover a barbárie em nossa sociedade. Todavia, é indispensável perceber as relações conflituosas dentro do ambiente escolar com novos olhares. Zuin (2003), citando (DEBORD), fez menção a um problema da atual sociedade que atinge também a escola: a conversão da personalidade numa espécie de espetáculo onde o indivíduo nada mais é do que um objeto e não sujeito de suas ações. O que realmente interessa é a produção de uma imagem que destaque de alguma forma, que faça impressionar seu portador (ZUIN, 2003, p.143). Essas imagens permeiam hoje as relações e as crianças e adolescentes compram essas imagens e a defendem, reproduzindo-as no ambiente escolar, pois ganham reconhecimento e notoriedade com ela. Os alunos estão cada vez mais envolvidos com os produtos da Indústria Cultural de uma forma irracional, usando seu tempo disponível para o seu entretenimento e não para sua formação, consumindo cada vez mais impulsivamente, sem reflexão. Uma educação eficaz é aquela que leva a uma reflexão crítica capaz de conduzir o indivíduo ao esclarecimento, humanizando-o para ir além da semiformação e dos imperativos da sociedade do espetáculo. Busca-se, antes de tudo, uma quebra de paradigma em relação ao próprio conceito de conflito. A discussão sobre o conceito de conflito é importante para um primeiro passo de mudança na própria prática escolar, ainda permeia no séc. XXI uma concepção a qual podemos chamar de tradicional ou negativa do significado de conflito, que já vem de muitos anos primordialmente na cultura ocidental, sendo utilizado como sinônimo de desgraça, algo mal e principalmente algo que deve ser evitado a todo e qualquer custo. A Real Academia Espanhola no Dicionário ideológico, o define conflito como sendo apuro, dificuldade e perigo (LEDERACH, 1984, p. 43). Esses exemplos de uma concepção negativa do conflito assim como tantas outras existentes nos remetem a seguinte reflexão: Como cobrar do aluno que ele enfrente situações de dificuldades (ou seja, situações de conflito) tanto em sua vida escolar como pessoal, se as situações de conflitos existente em sala de aula são quase sempre vistas com maus olhos justamente por aquele que deveria ter o papel de mediar de forma positiva estas situações, o professor, mas que infelizmente acaba terceirizando o serviço para outros setores da escola que por sua vez através de uma hierarquia vertical terminam em menosprezo e opressão perante os alunos. Não se busca aqui achar culpados ou inocentes, mas a questão é: quem tem o conhecimento e o amadurecimento necessário para resolver de forma positiva estas questões? Ou pelo menos deveria ter? Esse deve ser nosso ponto chave. A reformulação da perspectiva tradicional do conflito a qual podemos chamar de concepção positiva do conflito passa pelo ponto de partida de entender que o conflito é algo inerente ao ser humano, Mendel, 1974, p. 13, coloca que o estado natural do homem é o conflito. Em algumas definições mais elaboradas Arenal, 1989, p. 26, O conflito é um processo natural e necessário em toda a sociedade humana, é uma das forças motivadoras da mudança social e um elemento criativo essencial nas relações humanas. Então pensar uma situação de conflito e agir sobre ela buscando estabelecer sua estrutura e buscando principalmente uma mediação em todo este processo, é o que vai ser determinante para um viés de violência ou de não-violência. Outro conceito a ser apropriado é o de resiliência. No âmbito pedagógico Tavares diz que: Resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates uma característica de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente. (2001, p. 29). A resiliência entra como fator paralelo a mediação de conflitos, principalmente em sala de aula. Se o professor for resiliente certamente a mediação de conflitos terá mais qualidade, e a resultante de tudo isso é justamente a escola como um ambiente de socialização propício não apenas para as obrigações e deveres pedagógicos, mas principalmente para uma formação mais humana de todos.

4. Resultado e Discussão

Como amenizar os conflitos que se tornam cada vez mais comuns em sala de aula e muitas vezes acabam em violência? Em meio aos aparatos tecnológicos que invadem a escola, na busca por prazeres imediatos e impulsionados pelo consumismo tão difundido pelo capitalismo, os alunos não conseguem se concentrar nos temas apresentados nas aulas, tão importantes para a formação de um cidadão autônomo e crítico. Será que existe uma solução para o problema? Sem disciplina e cumplicidade nos estudos, o ambiente escolar se torna um lugar de conflitos diários. Sem experiência formativa, sem reflexão crítica e sem autonomia nos ambientes escolares os alunos estão fadados ao fracasso escolar e aos males presentes em Auschwitz. A escola é o campo da diversidade. O professor que leva este aspecto em consideração consegue analisar melhor a origem dos conflitos sociais e culturais presentes no chão da escola. Saber respeitar as diferenças é um requisito importante para o sucesso da socialização e da cidadania, entretanto, os ditames da

Indústria Cultural e o capitalismo voraz se confrontam com os valores e princípios da educação, ocasionando assim uma sociedade dividida em múltiplos medos, desejos e argumentos. A problemática nesta nova concepção de sociedade a qual Bauman (2001) chama de líquida, é o consumo, que exclui os indivíduos que não se encaixam neste padrão, e isto acaba refletindo no seu comportamento em casa, na escola, enfim, em toda sua vida. A criança e o adolescente buscam a aprovação de seus colegas e tem em mente que se não usar as roupas de determinada marca famosa que se encontra na moda; se não tiver em mãos os aparelhos portáteis entre outros ofertados pelo marketing incessante da Indústria Cultural e da Sociedade de consumo, estará fadado ao fracasso. A possibilidade do fracasso gera no indivíduo um mal-estar e a tendência a inferiorização perante seus semelhantes. Para Bauman, 2008, p. 71, a sociedade de consumidores, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Ou seja, para ter é preciso ser (bem remunerado, bem empregado para poder usufruir dos bens de consumo muitas vezes desnecessários, porém, engajadores sociais), mas para ser alguém, ou algo importante em uma sociedade líquida é preciso muito mais estudo e dedicação do que décadas passadas, principalmente pela brutal concorrência atual. O quadro atual é crianças e adolescentes muito bem engajados neste processo de modernidade, mesmo aqueles que não têm condições financeiras acabam conseguindo, de maneira lícita ou ilícita, racionalmente ou irracionalmente, mas, acabam entrando neste ciclo autodestrutível. É ensinado a eles pelos mais diversos meios que esse ou aquele produto é bom, importante e necessário. Entretanto, não é ensinado a esses jovens que para suprirem suas necessidades consumistas é preciso trabalhar e ganhar dinheiro, que é a partir dos estudos e esforços deles que poderão ter sucesso, e principalmente, não é ensinado a eles esse abrir de olhos em relação à sociedade em que vivem; a real importância dos valores humanos; a valorização daquilo que eles mesmos já possuem, e não menos importante, seu objetivo dentro de uma sala de aula; e para trabalhar com esses paradoxos e tantos outros, é necessário que professor, escola e aluno tenham algumas capacidades intrapessoais, principalmente a resiliência. É necessário compreender que uma quebra de paradigma de séculos de violência e opressão, para uma cultura de socialização e mediação de conflitos é lenta e gradativa, porém, é importante e necessária para evitar a nossa autodestruição, não apenas relacionada aos nossos recursos naturais, mas principalmente das nossas relações humanas.

5. Considerações Finais

Assim, com todos estes questionamentos, compreende-se que é preciso repensar não apenas uma educação geral, mas também nos valores e princípios, que norteiam as ações a práticas profissionais em sala de aula, princípios que também contribuem na formação de crianças, adolescentes e adultos; e conseqüentemente, na maneira como nos relacionamos com o outro, destituindo talvez a indiferença e o conformismo, para construir uma nova realidade, que mesmo contando com transformações lentas, não podem estagnar-se. Para que a barbárie presente em Auschwitz não se repita, estratégias e temas devem ser discutidos em sala de aula de escolas e universidades, para que os professores possam atrair a atenção e o respeito dos alunos, uma reflexão filosófica e crítica da sociedade em que vivem é um elemento a se considerar, mesmo quando o tempo é de indiferença e superficialidade, dado que o trabalho em sala de aula não se rege pela pressa, como no consumo de mercadorias; que as situações de conflitos não sejam apagadas com a mesma pressa que se opera diante de um incêndio, que os conflitos que aparecem no processo educacional possam trazer ensinamentos aos que estão dispostos a aprender.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ANTUNES, C. Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola de qualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ARENAL, C. La noción de paz y la educación para la paz. Em A.A.V.V: Seminário sobre formación do monitores de educación para la paz. Cruz Roja Espala, Madrid, 1989.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. Vida para consumo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- JARES, X. Educação para a Paz: sua teoria e sua prática. Porto Alegre, Artmed, 2002.
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento? Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005. Pg. 63-71.
- LEDERACH, J. P. Educar para la paz. Fontamara, Barcelona, 1984.
- MARCUSE, Herbert. Cultura e Sociedade. vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MENDEL, G. La descolonización del ni. Ariel, Barcelona, 1974.
- PALLARES, M. Técnicas de grupo para educadores. ICCE, Madrid, 1982.
- TAVARES, J. (Org) Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001.
- ZUIN, A. Amok On Line e Ressentimento Entre Professores e Alunos. Teoria Crítica e Inconformismo: Novas Perspectivas de Pesquisa. 1 Ed. Campinas: Autores Associados, 2010, v. 2000, p. 57-77.
- ZUIN, A. A Sociedade Do Espetáculo E O Simulacro De Experiência Formativa. . In: Bruno Pucci; Luiz A. C. N. Lastória; Belarmino C.G. da Costa. (Org.). Tecnologia, Cultura e Educação...ainda Auschwitz. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2003, v. 1, p. 141-157.